

Comunicação

José Geraldo Couto: crítica do juízo, juízo da crítica

Communication

José Geraldo Couto: critique of judgment, judgment of critique

Resumo

No I Simpósio de Crítica de Mídia: Como Criticam os que Criticam?, promovido pelo Grupo de Pesquisa Crítica de Mídia e Práticas Culturais em setembro de 2017, na Universidade Federal de Santa Catarina, o jornalista, crítico de cinema e tradutor José Geraldo Couto discutiu a relevância da crítica, a dimensão criativa e especializada da tarefa do crítico, as pressões do mercado, a proliferação de espaços novos de crítica na internet e a política tratada em aspectos cinematográficos. A revista *RuMoRes* apresenta a seguir os tópicos centrais dessa comunicação.

Palavras-chave

Crítica de mídia, crítica de cinema, José Geraldo Couto.

Abstract

On September 2017 the Federal University of Santa Catarina hosted the I Symposium on Media Critique: How the critics critique?, organized by the Research Group Media Critique and Cultural Practices. During the event, the journalist, film critic and translator José Geraldo Couto debated on the relevance of the critique, the creative and specialized aspect of the work of critics, the pressure of the market, the multiplication of new realms of critique on the internet and the subject of politics approached through film matter. *RuMoRes* presents the central topics of such presentation as follows.

Keywords

Media critique, film critique, José Geraldo Couto.

No I Simpósio de Crítica de Mídia: Como Criticam os que Criticam?, promovido pelo Grupo de Pesquisa Crítica de Mídia e Práticas Culturais, em setembro de 2017 na Universidade Federal de Santa Catarina, o jornalista, crítico de cinema e tradutor José Geraldo Couto discutiu a relevância da crítica, a dimensão criativa e especializada da tarefa do crítico, as pressões do mercado, a proliferação de espaços novos de crítica na internet e a política tratada em aspectos cinematográficos. A revista **RuMoRes** apresenta a seguir os tópicos centrais dessa comunicação.

Relevância da crítica

Ao falarmos de crítica hoje, temos que considerar que as críticas de cinema e da produção audiovisual não se limitam mais à imprensa escrita. Elas acontecem em vários meios e plataformas: o crítico pode ter, por exemplo, um canal no YouTube em que ele se dedique a apresentar e comentar filmes, assim como há essa possibilidade na televisão ou no rádio. Se ampliarmos mais ainda, um documentário, um festival, uma mostra de cinema ou sua curadoria podem ser extensões ou instâncias da crítica, pois contribuem para a reflexão sobre o cinema e a reverberação da produção cinematográfica, aspectos que considero essenciais à crítica. De certa maneira, a crítica é uma forma de tradução, pois o crítico também traduz aquela obra para seu público, leitores ou espectadores. Existe, portanto, esse campo amplo da crítica – as várias dimensões, possibilidades e plataformas em que ela se exerce –, mas vou limitar minhas considerações à crítica na imprensa escrita, na qual tive minha experiência profissional e posso falar com um pouco mais de propriedade. Antes de tratar da crítica de cinema, gostaria de falar da importância da crítica de modo geral. De certa maneira, ela tem sido muito amesquinhada na imprensa nos últimos tempos e seu papel tem sido diminuído por diversos fatores; em parte, porque jornais e revistas de interesse amplo circunscreveram a crítica e as resenhas a preocupações de mercado, mais voltadas à programação cultural. O crítico passou a ser apenas um orientador do leitor na hora de escolher um programa para o fim de semana, recomendando ou não um filme que está em cartaz. Desse modo, a crítica passa a ficar submetida

a outra lógica – a do mercado de entretenimento – e, a meu ver, esse não é seu papel principal, mas o de iluminar a produção cultural. A crítica deve trazer ao seu público aspectos da obra que talvez passassem despercebidos, reverberá-la, fazer com que ela tenha fruição, uma leitura mais rica, para que não tenha uma recepção passiva por parte do espectador e do leitor.

Mudanças nos últimos tempos

Tenho observado diversas mudanças ocorridas na atividade do crítico na imprensa nos últimos anos. Desde que comecei a trabalhar com crítica de cinema e de livros na imprensa, nos anos 1980, as mudanças foram várias. Primeiro, nesse processo de circunscrever a crítica às preocupações de mercado, seu espaço em jornais e revistas de interesse geral foi diminuindo. Em décadas anteriores, havia espaço para que o crítico pudesse desenvolver um raciocínio sobre determinado filme ou cineasta em textos mais extensos e ao longo do tempo. Paulo Emílio Salles Gomes, um dos críticos mais importantes do Brasil, por exemplo, escreveu durante muito tempo no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo* – e depois esses textos foram reunidos e publicados em dois volumes. Lendo esses artigos hoje, percebemos que às vezes ele abordava determinado filme em uma semana – pois sua coluna era semanal – e voltava a ele na semana seguinte, muitas vezes tendo-o revisto o filme, repensando seus comentários, mudando pontos de vista expostos anteriormente. Em alguns casos, ele gastava até quatro semanas desenvolvendo sua análise sobre um filme. Isso foi se tornando cada vez mais impossível, já que a crítica foi ficando reduzida a comentar os filmes que entram em cartaz, geralmente no dia de estreias. O espaço concedido para textos críticos em jornais ou revistas é bem menor do que tempos atrás.

Mas essa não é a principal transformação ocorrida na última década e meia e que ainda continua. A mudança mais importante foi a emergência da internet, e com ela uma série de novas condições para o exercício da crítica. Em termos muito simplificados, podemos dizer que os críticos tinham o papel de farol da produção cinematográfica; eles eram uma referência a propósito dos filmes que estavam

em cartaz. Imagino que na área literária acontecia algo parecido, os críticos eram baliza para novos livros e autores. No caso do cinema, cada grande jornal tinha seus críticos que serviam como guias, eram ouvidos, formavam a opinião e o gosto de seus leitores. Isso é coisa completamente do passado, porque esse crítico orientador, que tinha a palavra mais respeitada, deixou de existir ou se diluiu num contexto em que surgem outras vozes. Há quem estude e afirme que o crítico deixou de ser o *gatekeeper*, no sentido de determinar que “isso passa ou não passa”, “esse filme deve ser visto ou não”, “esse autor é bom ou não”. O crítico virou uma espécie de *gatewatcher*, passando a ser mais um observador do que uma pessoa que chancela uma obra. Essa voz, antes monopolizada pelo crítico – e, portanto, um monólogo – se perdeu nesse processo da internet, em que há o surgimento de diversas análises, de muito mais pessoas comentando e discutindo filmes do que na época em que havia poucos críticos ocupando esses espaços na imprensa.

Crítica além da imprensa

Ao mesmo tempo em que o papel da crítica na imprensa de interesse geral foi se amesquinhando, surgiram vários outros espaços para a crítica de cinema, o que vale também para a literatura, a música e as artes visuais. No caso do cinema, especificamente, surgiram *sites* e revistas especializadas – e essas revistas especializadas continuam muito ativas na internet, além de usarem os *blogs*. Quer dizer, vários críticos que foram perdendo espaço na imprensa nesse processo passaram a exercitar suas críticas nos *blogs*. E há críticos que continuam exercendo seu papel na imprensa, mas também têm *blogs* próprios em que podem desenvolver melhor suas ideias. Mas além deles há também muita gente que não tinha chegado a ocupar espaço na grande imprensa e que passou a ter seus *blogs*. Ocorre uma proliferação, muita gente falando sobre cinema. O interessante é que nessas revistas podem se desenvolver ideias que são menos pautadas pelo imediatismo do mercado. Esses lugares permitem que a crítica seja tecida plenamente, cumprindo um dos seus papéis, que é a reflexão sistemática

do meio, podendo analisar até filmes que já saíram de cartaz, que já foram abordados em outras mídias, como fazia Paulo Emílio antigamente.

Espaços novos de crítica na internet

Na internet ocorre uma espécie de democratização, pois antes só havia a voz do crítico oficial e agora existem inúmeras vozes se manifestando a respeito da produção audiovisual. Por um lado, houve abertura, a possibilidade de visão mais plural sobre um filme. Por outro, podemos notar uma espécie de rebaixamento do papel da crítica. Ou seja, o crítico, que era formado nesse meio – e que conhece, ou deveria conhecer, a história da produção e da crítica –, alguém que pelo menos idealmente se armava de um instrumental para poder ler um filme ou uma obra cinematográfica, deixa de ter valor porque todas as vozes passam a ter mais ou menos o mesmo peso. Antes havia o crítico como orientador, aquele que decidia o que era o bom e o que não era, o que falava como tal filme deveria ser recebido, como deveria ser lido. O que temos atualmente é essa média de opiniões a propósito de um filme ou de uma obra. Por exemplo, um dos sites mais acessados sobre cinema, o Internet Movie Database (IMDb), é o mais completo para encontrarmos informações sobre determinado filme, cineasta, ator e produtor, além da cotação dos filmes, estrelas e notas. Essa avaliação é formada a partir dos próprios usuários, do público, qualquer pessoa que entra lá pode votar e avaliar a obra. Muitas delas, quando querem escolher um filme para assistir – seja no cinema, na televisão, em *digital video disc* (DVD), em *streaming* ou sob demanda –, vão até esse *site* e se guiam por essa cotação geral, coletiva, formada pelos próprios espectadores. É o mesmo que encontramos na Amazon; quando vamos comprar um livro vemos que ele tem uma cotação, formada pelos próprios leitores, e muitas pessoas compram livros a partir dessa cotação. Esse processo diminui a importância do crítico como formador de opinião e, além disso, cria um tipo de hegemonia do senso comum, uma espécie de gosto médio que passa a prevalecer na avaliação das obras. Exercer a crítica, portanto, torna-se uma preocupação, embora eu não tenha a menor nostalgia do período em que o crítico era a única

voz e se impunha como verdade definitiva. O processo de ampliação de uma voz antes unívoca é muito interessante e pode ser enriquecedor, mas há o perigo do nivelamento médio, da imposição do senso comum. Agora, como reagir a isso? Penso que a crítica continua exercendo um papel; ela continua a ser importante, talvez até mais do que em épocas anteriores, dada a proliferação de informações e obras que temos hoje. O acesso que temos à produção cinematográfica é infinitamente maior do que duas ou três décadas atrás.

Emergência de novos cinemas

Acho que existe uma reflexão, mas ainda de forma muito localizada, sobre a proliferação de novos cinemas, novas formas de produzir filmes em coletivos. Mas essa proliferação só ganha dimensão significativa quando difundida em um veículo de penetração maior, quando atinge outro estágio e passa a ser mais visível. Vou dar um exemplo muito específico: existe um pessoal em Minas Gerais, na cidade de Contagem, que tem um grupo que produz filmes. São vários cineastas que trabalham cooperativamente, se ajudando – se chama Filmes de Plástico. Eles tinham uma produção de vários anos, com diversos curtas, até que fizeram o primeiro longa, que foi muito bem recebido em festivais e acabou sendo lançado comercialmente. Então, essa produção que era meio invisível, exibida localmente, passa a ser tratada em outros veículos, a ter visibilidade, a ser até mais rentável. Um produto que surge desses grupos menores e extravasa o interesse desse grupo consegue ganhar uma reflexão mais abrangente.

Mais acesso a filmes, mais responsabilidade da crítica profissional

O circuito exibidor de cinema é dominado pelas grandes produções norte-americanas. Em alguns momentos, de sete salas em um shopping, temos quatro exibindo o mesmo filme, uma em versão dublada, outra legendada, outra em 3D; nas outras três salas temos outro filme. Então, o circuito exibidor é dominado por três ou quatro produções. O mercado de cinema está muito monopolizado, talvez mais do que nunca. Mas existem outros meios de difusão de filmes que ampliam

essas possibilidades, dando acesso a cinematografias de vários lugares do mundo, seja pela televisão ou pela internet. Esse acesso maior, facilitado pelas tecnologias, faz com que exista uma oferta de produções audiovisuais nunca vista antes, inclusive de filmes clássicos. Hoje é fácil assistir a clássicos do cinema; na época da minha infância, era preciso esperar que chegassem em cineclubes para podermos conhecer a obra de um cineasta. Vários desses clássicos, quando passavam no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, ou na Cinemateca, no Rio, eram disputados para serem vistos. Agora, com um clique conseguimos assistir facilmente a esse mesmo filme, muitas vezes em mais de uma versão. Isso para dizer que a possibilidade de acesso aos filmes e às cinematografias, ao meu ver, aumenta a responsabilidade da crítica profissional, porque é cada vez mais necessário separar o trigo do joio, não no sentido antigo de dizer o que deve ser visto ou não, mas de ajudar os leitores a se moverem nesse mundo tão heterogêneo, tão vasto.

Papel do crítico hoje

E como o crítico que trabalha na imprensa reage a esse processo? Há aí um paradoxo, porque no processo de delimitação do papel do crítico e de sua circunscrição a essa lógica do mercado, ele tem cada vez menos espaço e é visto como alguém que vai dar apenas uma cotação para determinado filme. O que vale para muita gente é quantas estrelas o crítico deu. Interessa menos a argumentação, a leitura que ele teve do filme; o seu próprio texto já não tem tanto espaço. Muitas vezes ele é levado a construir seu texto, sua argumentação, a partir da quantidade de estrelas que vai dar. Isso é uma deformação do papel do crítico e ele entra nesse jogo de que a crítica é um julgamento. Porque a dimensão de julgamento, de sentença, de veredito, de "nota" acaba sendo exaltada, quando na verdade deveria ser o contrário. A meu ver, o papel do crítico seria o de fornecer ao seu leitor um modo de se mover nesse mundo, de conhecer as obras, de ter uma leitura mais informada e menos ingênua daquilo que está vendo, saber inseri-lo dentro da história do cinema e poder ter uma relação mais crítica com a obra. Até me perguntam: "Ah, o que você achou de tal filme?". Eu digo: "Prefiro dizer o que

achei *em* tal filme”. O filme é bom? É ruim? Isso é o que menos importa. Talvez, o que achei *no filme* seja mais importante para compartilhar com as pessoas. Então, o papel do crítico seria ajudar seu leitor a pensar o cinema e ter uma perspectiva mais crítica diante do filme, em vez de já entregar um julgamento, uma sentença sobre qualidade ou não. Mesmo porque essa avaliação é muito subjetiva e precária. Mais interessante do que aquilo que o crítico achou *do filme* é o que o crítico achou *no filme*. Hoje em dia, o crítico deveria investir mais na reflexão sobre o cinema e menos na emissão de juízo sobre um filme.

Segundas impressões

É muito comum você ver um filme, sair com determinada impressão e depois, em conversas com outras pessoas, no processo de repensar o filme visto, de assimilar, a gente passa a ter uma outra visão, já que a própria visão pessoal é provisória. Claro que o crítico, teoricamente, tem que ter um instrumental que torne sua apreensão do filme o menos subjetiva possível. Ele nunca vai deixar de ser subjetivo, mas precisa ter elementos para ler aquela obra mais objetivamente, de modo a não ter a mesma visão ingênua do espectador. Ele, em tese, conhece a linguagem do cinema, sua história, e assim percebe coisas que o espectador comum não percebe. Tem uma dimensão pedagógica também, de iluminar e trazer à tona elementos que ajudem seu leitor a perceber um filme, a fazer a leitura dele. Porém, mesmo com todo esse instrumental com o qual o crítico pode se armar, sempre vai haver uma dimensão subjetiva, um aspecto muito pessoal –acho muita arrogância o crítico dizer que “esse filme é ruim” ou “esse filme é bom”; porque ele está falando a partir de determinado lugar, experiência e subjetividade. Isso não necessariamente vai ser semelhante à sensibilidade daquele leitor ao qual ele está se dirigindo.

Dimensão criativa e especializada da crítica

A definição da crítica como reflexão é uma dimensão muito mais criativa, produtiva e enriquecedora. No caso da crítica de cinema, penso que a questão é

até um pouco mais complicada do que nas outras áreas. No contexto do cinema, por ser atravessado por outras artes, outras disciplinas, parece que não existe especialização; na verdade, todo mundo pode falar de cinema. Agora... é diferente alguém que tem algum conhecimento da história do cinema, e o crítico de cinema tem que ser mais preparado – tem que ter, no mínimo, noções básicas de vários campos. Porque muitas vezes a música no filme é tão importante quanto o que está sendo mostrado em uma cena, representa alguma coisa, tem algum significado. Então, quanto mais o crítico tiver conhecimento de diferentes áreas, mais apto ele estará a ler melhor uma obra e contribuir para que seu leitor também o faça. Além disso, o crítico ideal deveria ter conhecimentos básicos de história, política, arte, psicanálise e filosofia, porque o cinema é atravessado por todas essas disciplinas. Quanto mais o crítico estiver preparado para perceber isso e comunicar isso para o seu leitor, melhor cumpre sua tarefa. Mas não é o que normalmente acontece, e não é de hoje que existe essa ideia de que todo mundo pode ser crítico de cinema, que a visão de cada um tem o mesmo peso. Truffaut, em um livro seu que saiu no Brasil, *Os filmes da minha vida*, fala no prefácio que um jornalista que escreve sobre economia ninguém contesta, porque ele entende de economia; o de música, o mesmo; mas o de cinema é abordado em vários lugares, até na redação pelo dono de jornal, que diz: “você falou mal de tal filme, mas minha mulher gostou muito”. Acho muito saudável, todo mundo tem o direito de falar, concordar e discordar. Mas, obviamente, a visão do Truffaut era um pouco mais rica que a da mulher do diretor de redação. Ele tinha um instrumental, uma paixão, uma conexão com aquela expressão que tornava sua leitura mais enriquecedora.

Discussão política tratada cinematograficamente

A questão da subjetividade em escrever sobre um filme é meio movediça, porque é difícil não tratar dos assuntos que estejam presentes nele. No caso do filme sobre a operação Lava Jato lançado há pouco tempo, por exemplo, é impossível falar dele formalmente apenas como um filme policial, somente em seus aspectos de construção narrativa, estética, fotografia e montagem, uma vez que nós estamos

ligados ao que está na tela. O crítico, porém, precisa atentar para como essa discussão política presente é tratada cinematograficamente; a dificuldade está em fazer essa conexão. Não perder de vista o tema, o contexto em que se dá a trama do filme, mas examinar como a leitura desse contexto se expressa (ou não) em linguagem cinematográfica. A corda bamba em que o crítico se move é sempre essa. Outro exemplo é o filme *Como nossos pais*. Esse longa toca em assuntos do nosso tempo – a posição da mulher, o protagonismo feminino –, discussões urgentes na nossa sociedade. Isso faz com que o filme seja tratado por esse prisma. Essa é uma abordagem necessária, mas não propriamente uma crítica de cinema, por não falar como o filme faz isso. Interessa menos ao meu leitor a minha visão do feminismo do que como que eu posso ajudá-lo a entender essa questão do filme. Há críticos que, no lançamento de uma obra, possuem visão muito fechada do que seria um bom filme e acabam se armando com essa concepção prévia. Gosto muito de Paulo Emílio, que, falando uma vez sobre André Bazin, disse que o grande mérito do crítico francês era não se armar diante do filme com uma concepção prévia de cinema, mas se permitir que o filme tentasse conquistá-lo dentro de sua proposta. Penso que essa é uma postura muito rica e produtiva – muito mais que um crítico que vai ao cinema e fala: “ah, isso não é cinema”. O interessante é perceber que existem diversas formas de se fazer cinema, cinemas dos mais variados. A concepção de cinema do crítico às vezes vem à tona nos textos, mas o ideal é que a crítica contribua para uma abordagem mais abrangente.

José Geraldo Couto tem uma coluna sobre cinema no *Blog do IMS*, do Instituto Moreira Salles. Trabalhou na *Folha de S. Paulo* e na revista *Set* e escreveu para a revista *CartaCapital*. Atuou como crítico de cinema, literatura e futebol. Publicou, entre outros livros, *André Breton* (1984), *Brasil: anos 60* (1988) e *Futebol brasileiro hoje* (2009). Tem participação nos livros *O cinema dos anos 80* (1990), *Folha conta 100 anos de cinema* (1995), *Música popular brasileira hoje* (1999) e *Os filmes que sonhamos* (2011). Nasceu em Jaú/SP, morou muitos anos em São Paulo e vive há 19 anos em Florianópolis/SC.